

Mesmo rica, Europa não tem poder militar imediato sem ajuda da Otan

Movimentações dos Estados Unidos vêm ligando alerta na defesa de países europeus

Por Mateus Araújo (Folhapress)

Declarações recentes do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) - e um possível rompimento com o grupo - reacenderam o debate em relação à capacidade militar da Europa. Especialista avalia que, hoje, nenhum país europeu conseguiria enfrentar os EUA de forma isolada e que o continente, apesar dos recursos financeiros, ficaria sem poder bélico imediato sem o apoio americano.

Trump minimizou a reação europeia a ameaças dos EUA contra a Groenlândia. Na última quarta-feira, o presidente americano afirmou que Rússia e China "não têm nenhum medo da Otan sem os EUA" e questionou se o bloco estaria ao lado de Washington em um cenário de necessidade real.

Presidente disse ter forçado aumento dos gastos militares europeus. Segundo Trump, países da Otan passaram a investir até 5% do PIB em defesa após sua pressão, contra os 2% anteriores. Ele afirmou que, antes disso, "a maioria não pagava suas contas" e que os EUA arcavam sozinhos com os custos.

Europa teria capacidade financeira, mas não poder militar imediato sem a Otan. Segundo o professor Kai Lehmann, do cur-



Organização do Tratado do Atlântico Norte está no centro de uma nova polêmica internacional

so de relações internacionais da USP, o continente até poderia se tornar uma potência militar, mas isso exigiria investimentos elevados e tempo, algo incompatível com a urgência do cenário atual.

"A Europa como um todo teria capacidade financeira de se tornar uma potência militar, mas, no momento, isso exigiria muito investimento. E isso, obviamente, seria um processo de longo prazo, quando a Europa não tem muito tempo", disse Kai Lehmann, professor de relações internacionais da USP.

Apenas França e Reino Unido são potências nucleares na Europa. Para Lehmann, outros países europeus, como Alemanha, Polônia, Itália e Espanha, teriam potencial econômico, mas não capacidade militar equivalente no curto prazo.

Alemanha nunca buscou se afirmar como potência militar desde a Segunda Guerra. De acordo com o professor, embora tenha capacidade financeira, o país não construiu uma tradição de protagonismo militar e qual-

quer mudança nesse sentido seria um processo longo e politicamente complexo.

Nenhum país europeu conseguiria enfrentar militarmente os EUA de forma isolada. Lehmann afirma que "não tem nenhum país que por si só poderia enfrentar os Estados Unidos militarmente". "Mesmo a China não tem Forças Armadas tão avançadas como as dos Estados Unidos", frisa.

Superioridade militar não garante vitória em guerras, diz professor. Entre os exemplos

citados por ele para relativizar o peso do poder bélico estão as derrotas dos EUA no Afeganistão e as dificuldades da Rússia na Ucrânia, além da derrota da União Soviética no Afeganistão nos anos 1980.

Declarações de Trump preocupam, mas não são surpresa. Segundo Lehmann, o republicano já havia deixado claro, ainda no primeiro mandato, sua insatisfação com a Otan e a cobrança para que os europeus assumissem mais gastos com defesa. "Ele cobrou isso durante o primeiro mandato - assim como Barack Obama e George W. Bush", lembra, citando ex-presidentes norte-americanos.

Para o professor, há uma diferença entre exigir mais responsabilidade dos aliados e ameaçar o futuro da aliança. "Uma coisa é cobrar dos europeus mais responsabilidade; outra é dizer: 'Olha, eu vou deixar a Otan, e a Otan vai basicamente falhar'". Segundo ele, os europeus deveriam ter se preparado para esse cenário, mas não o fizeram e agora "estão correndo atrás".

Principal temor europeu é a imprevisibilidade dos EUA. Para o professor, Trump costuma usar ameaças como instrumento de pressão e muda de posição com frequência, o que dificulta o planejamento estratégico europeu no curto e no longo prazo.

Vaticano negociau asilo de Maduro na Rússia antes de operação dos EUA, diz jornal

Xosema/ CC BY-SA 4.0/ via Wikimedia Commons

O cardeal italiano Pietro Parolin, secretário de Estado do Vaticano, procurou representantes americanos na Santa Sé no final do ano passado para tentar mediar um asilo para o ditador Nicolás Maduro na Rússia, diz o jornal The Washington Post. Segundo o veículo, a conversa ocorreu na véspera de Natal, quando o religioso convocou Brian Burch, embaixador dos EUA na Santa Sé, para obter detalhes dos planos dos Estados Unidos na Venezuela.

Embora confirme negociações no período natalino, o Vaticano afirmou ao jornal que é "decepcionante que partes de uma conversa confidencial tenham sido divulgadas sem refletir com precisão o conteúdo". O Departamento de Estado americano não comentou, assim como o porta-voz do Kremlin.

O Washington Post atribuiu a informação a documentos governamentais e entrevistas com quase

20 pessoas, que teriam pedido anônimo para discutir assuntos sensíveis. Durante a conversa com Burch na Cidade do Vaticano, Parolin teria perguntado se os EUA realmente buscavam uma mudança de regime e insistido em uma saída pacífica - admitindo, porém, que Maduro precisava sair do poder.

Ele teria dito, então, que a Rússia estava pronta para receber o ditador e pedido paciência aos americanos para evitar instabilidade e derramamento de sangue no país da América Latina. O cardeal, que já atuou como embaixador do Vaticano em Caracas, tem um interesse especial na Venezuela.

O documento sobre a reunião, diz o Washington Post, afirma que Parolin citou o que descreveu como um rumor: a Venezuela havia se tornado uma "peça fundamental" nas negociações entre Moscou e Kiev e a Rússia "abriria

mão da Venezuela se estivesse satisfeita com a situação na Ucrânia".

O cardeal se referia à mudança na correlação de forças no mundo após o início da Guerra da Ucrânia, em fevereiro de 2022. Segundo analistas consultados pelo jornal, a Rússia, ocupada com o conflito no país vizinho, diminuiu seu apoio à Venezuela nos últimos anos, e a suposta oferta de asilo a Maduro teria sido uma forma garantir um acordo favorável sobre a Ucrânia.

Parolin teria dito ainda que Maduro parecia estar disposto a renunciar após as eleições de 2024, nas quais foi declarado vencedor sem apresentar as provas exigidas pela lei venezuelana. Na época, ele teria sido convencido a permanecer no poder por seu ministro do Interior, Diosdado Cabello, face da repressão do regime.

O cardeal disse estar "muito, muito, muito perplexo com a fal-



Vaticano segue atuando como mediador político e religioso

ta de clareza dos planos finais dos EUA na Venezuela", segundo os documentos, e pediu que Washington desse um prazo para a saída de Maduro e garantias à sua família.

Dias depois, porém, os EUA bombardearam cidades venezuelanas, incluindo Caracas, e captura-

ram o líder e sua esposa, Cilia Flores. Ambos estão agora em Nova York para serem julgados pela justiça americana por acusações de narcoterrorismo.

De acordo com o jornal, Maduro pode ter recusado o asilo devido às restrições financeiras na Rússia.